

A arte como ferramenta para a comunicação militante: um paralelo entre o projeto “Funkeiros Cults” e o pensamento gramsciano

Art as a tool of militant communication: A connection between the “Funkeiros Cults” Project and the gramscian thinking

Clara Barbosa de Oliveira Santos*

Resumo: O artigo discute a atualidade das reflexões de Gramsci para a construção da militância revolucionária mundialmente. Utilizando aspectos de seu pensamento, compara-se com um exemplo da realidade latinoamericana, no Brasil: o projeto “Funkeiros Cults”, criado por estudantes e moradores da periferia, que tem como objetivo disseminar, em uma linguagem acessível e relacionado ao meio cultural do funk, os livros acadêmicos e ficcionais considerados mais complexos e, por isso, são automaticamente associados a uma elite minoritária. Conclui-se que o tal projeto é uma iniciativa de demasiada importância para desmistificar a noção de “intelectual” como algo elitizado e estritamente acadêmico, entendendo que o projeto “Funkeiros Cults”, bem como outros, devem estar atrelados a um projeto societário de superação da ordem do capital.

Palavras-chaves: Pensamento gramsciano; comunicação militante; Funkeiros Cults; intelectual orgânico.

Abstract: The article discusses the relevance of Gramsci's reflections for the construction of revolutionary militancy worldwide. Using aspects of his thinking, a comparison with an example of the Latin American reality, in Brazil, is done: the “Funkeiros Cults” project, created by students and residents of the ghetto, which aims to disseminate, in an accessible language and related to the cultural environment of funk, academic and fictional books considered more complex and, therefore, are automatically associated with a minority elite. It is concluded that this project is an initiative of far too important to demystify the notion of “intellectual” as something elitist and strictly academic, understanding that the “Funkeiros Cults” project, as well as others, must be linked to a societal project of overcoming capital order.

Keywords: Gramscian thinking; militant communication; Funkeiros Cults; organic intellectual.

Recebido em: 18/12/2020

Aprovado em: 26/04/2021



© O(s) Autor(es). 2018 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar, distribuir e reproduzir em qualquer meio, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material, desde que para fins não comerciais e que você forneça o devido crédito aos autores e a fonte, insira um link para a Licença Creative Commons e indique se mudanças foram feitas.

* Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU/UFJF). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz).

Introdução

Na atual conjuntura de crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002), somada à pandemia de Covid-19, que traz para esta crise um determinante sanitário (GOUVÊA, 2020), faz-se necessário refletir com cuidado para atuar nesta realidade. Para isso, recorre-se ao método materialista histórico dialético (MARX; ENGELS, 2007) que toma pressupostos reais com a finalidade de analisar a realidade concreta, dominada pela ideologia burguesa. Mas não só isso: para além de recorrer ao pensamento marxiano, é de suma importância buscar outros pensadores da tradição marxista, sendo Gramsci um dos mais destacados. Em sua obra, Gramsci (2001) atualiza as elaborações de Marx analisando as condições materiais de seu tempo – a Itália fascista dos anos 1920. Hoje, com o recrudescimento de governos de caráter protofascista não só no Brasil, mas em âmbito internacional (PINHEIRO-MACHADO, 2019), é fundamental realizar o mesmo movimento que Gramsci fez para entender os fenômenos sociais que ocorreram em seu país.

Levando estes elementos em consideração, o seguinte trabalho pretende analisar estratégias militantes para comunicar um projeto diverso à ordem burguesa, partindo de um exemplo artístico de comunicação militante para transformar a realidade – o projeto “Funkeiros Cults”, criado por estudantes e moradores da periferia, que objetiva divulgar, de maneira acessível e relacionada ao meio cultural do funk, os livros acadêmicos e ficcionais considerados mais complexos e que, logo, são associados a produtores de conhecimento dos espaços universitários, vistos como os reais “pensadores” e “intelectuais”.

Para concretizar o objetivo deste artigo serão explicitados, com muita brevidade e sem intenção de esgotar o assunto, aspectos trabalhados no pensamento gramsciano, tais como o papel dos intelectuais; a formação da consciência de classe; o binômio “grande política”/ “pequena política”; a literatura e o projeto nacional-popular.

O papel do intelectual na transição para a consciência social

Uma das grandes inovações dos escritos de Gramsci (2001) tem relação com sua compreensão do que é o *intelectual*. Fazendo uso do método materialista histórico dialético, para este teórico e militante, todos os homens e mulheres são intelectuais, ou seja, são capazes de difundir conhecimento. Junto a esta difusão, o intelectual também tem a habilidade de dirigir e coordenar; de ser uma liderança política e, ao liderar, forma ética e politicamente os sujeitos (GRAMSCI, 2001). Mas o que isso tem a ver com a construção da consciência de classe e com o saber popular? O intelectual, diferente dos restritos grupos de elite, parte do pressuposto que o *sensu comum* – o nível acrítico da consciência – possui importância e validade. É a partir do

senso comum que o intelectual atua para extrair o que é chamado de *bom senso*, uma consciência ético-política, que compreende a necessidade e urgência da transformação social.

Esta organização da consciência dos sujeitos, importante demarcar, parte de uma inquietação de Gramsci em compreender como a burguesia exerce seu domínio – portanto, sua hegemonia (DANTAS e PRONKO, 2018) – e como os trabalhadores, conformados em classe social organizada, devem entender este processo para, assim, construir um projeto societário *contra hegemônico*. Por isso, Gramsci considera a hegemonia como um processo – não algo dado e em estabilidade –, e o senso comum como um espaço de disputa política das classes e frações de classe antagônicas. Inclusive, no Caderno 11 (GRAMSCI, 2001), ele enumera a postura que deve ser tomada ao longo do processo de politização:

1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literalmente a sua forma): a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar de modo incessante para *eleva intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas*, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para se tornarem seus ‘espartilhos’. Esta segunda necessidade, quando satisfeita, é a que realmente modifica o “panorama ideológico” de uma época (GRAMSCI, 2001: 110, grifo meu).

Neste trecho, aparece um elemento importante a respeito da formação desta consciência de classe: não há um *rebaixamento intelectual*; *uma inferiorização do conhecimento das massas*. Realiza-se a construção de um pensamento e de uma ação crítico-político junto às massas, “[...] para forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais” (GRAMSCI, 2001: 103).

Só desta forma, segundo Gramsci, uma corrente filosófica e seus intelectuais possuem legitimidade, quando “[...] jamais se esquece de permanecer em contato com os ‘simples’ [...]” (GRAMSCI, 2001: 100). Assim, constrói-se uma vontade coletiva (COUTINHO, 2008), em que ocorre uma elevação da consciência das camadas populares junto a um convencimento do horizonte revolucionário e socialista, sendo um “momento ontologicamente constitutivo da realidade social” (COUTINHO, 2008: 36).

Logo, no pensamento gramsciano, para que uma revolução social ocorra – a superação do sistema capitalista e a instauração de uma sociedade socialista, como defendido pelo teórico – é necessário que haja concomitantemente, portanto sem secundarizar, uma reforma intelectual e moral. Isso significa a construção de uma “nova cultura”, partindo das condições materiais e históricas colocadas, que valorize os elementos calcados na cultura nacional, mas não de maneira nacionalista, e sim dialogando com um processo de internacionalização desta

revolução.

O “nacional-popular”, a discussão de literatura em Gramsci e a luta política

No Caderno 21, parágrafo 5, Gramsci (2002) coloca que, na Itália, a noção de “popular” é muito restrita ideologicamente, uma vez que esta construção foi feita com ausência do povo, nomeando este fenômeno de uma “tradição de casta, que jamais foi quebrada por um forte movimento político popular ou nacional vindo de baixo” (GRAMSCI, 2002: 42). Gramsci traz como exemplo a produção da literatura do período, desconectada da realidade do povo e que disseminava produções estrangeiras livrescas e “antinacionais”, ou seja, que não valorizavam aspectos do povo italiano. Para este teórico, isso demonstrava o caráter cosmopolita da Itália, que encarnava um modo de vida burguês e uma padronização desterritorializada e desculturalizada, sem vínculo real com o “povo-nação”. Mais: sem produzir intelectuais realmente populares/do povo. Nas palavras dele:

Os intelectuais não saem do povo, ainda que acidentalmente algum deles seja de origem popular; não se sentem ligados ao povo (à parte da retórica), não o reconhecem e não sentem suas necessidades, suas aspirações e seu sentimentos difusos; mas são, em face do povo, algo destacado, solto no ar, ou seja, uma casta e não uma articulação (com funções orgânicas) do próprio povo. A questão deve ser estendida a toda cultura nacional-popular e não se restringir apenas à literatura narrativa: o mesmo deve ser dito do teatro, da literatura científica em geral (ciências naturais, história, etc.). [...] Esses livros estrangeiros, quando traduzidos, são lidos e procurados, obtendo freqüentemente enorme sucesso. Tudo isso significa que toda a "classe culta", com sua atividade intelectual, está separada do povo-nação, não porque o povo-nação não tenha demonstrado ou não demonstre se interessar por esta atividade em todos os seus níveis, dos mais baixos (romances de folhetim) aos mais elevados, como o atesta o fato de que ele procura os livros estrangeiros adequados, mas sim porque o elemento intelectual nativo é mais estrangeiro diante do povo-nação do que os próprios estrangeiros (GRAMSCI, 2002: 43).

O incômodo de Gramsci com a questão da literatura justificava-se por este aspecto estar conectado à construção de uma hegemonia nova (MUSSI, 2010), algo que não se dava mecanicamente pois, como já fora dito, ele entendia hegemonia como fruto de um processo determinado pela correlação de forças entre classes, assim como a atividade literária relaciona-se com a forma como o mundo da cultura se forjou até então. Desta maneira, a literatura não é uma questão menor no pensamento de Gramsci: essa era considerada como uma *atividade*, que possuía papel fundamental no novo equilíbrio de forças – o momento “nacional-popular” (GRAMSCI, 2002). Neste sentido, a construção de uma literatura popular era necessária, já que traria concretude para a formação intelectual das massas, tratando-se de uma produção literária que dialogasse, descrevesse e espelhasse o modo de vida das camadas populares. Assim, “os

heróis da literatura popular, quando entram na esfera da vida intelectual popular, se separam de sua origem literária e adquirem a validade de personagem histórico” (Gramsci *apud* MUSSI, 2010: 140).

O nacional-popular seria um *anseio das próprias camadas populares*, constituído por uma série de aspectos – dentre eles, a literatura – que conformam características fundamentais e particulares de uma determinada nação, porém, não somente isso: há também os elementos constitutivos da classe trabalhadora deste país, unida e disposta a construir uma hegemonia que não se restrinja às fronteiras territoriais de uma nação, se expandindo internacionalmente. O nacional-popular não é sinônimo, portanto, de um ufanismo/nacionalismo: caminha para a construção estratégica de um projeto societário internacionalista alternativo ao capital.

Cabe ressaltar a importância do debate sobre “grande política” e “pequena política”, uma vez que possui associação com as elaborações de Gramsci acerca da construção de uma contra hegemonia por parte da classe trabalhadora. Aliaga (2013), em seu texto acerca da objetividade científica no pensamento de Gramsci, coloca que “o objeto por excelência da ciência política não pode consistir meramente nas formas superestruturais, nas disputas parlamentares e na ‘pequena política’, ela deve se referir a *terrenalidade da política* e por esta razão descer ao mundo das relações sociais de forças” (ALIAGA, 2013: 21, grifos meus). Partindo daí, reafirma-se que a construção da política, para Gramsci, tem o intuito de compreender a relação estabelecida entre dominantes e dominados. Por isso, grande política/pequena política são indissociáveis e inelimináveis de sua obra.

É no âmbito da pequena política que se localiza o cotidiano político, o “corriqueiro”, as disputas pontuais parlamentares, alianças eleitorais etc. Estas disputas têm sua importância, entretanto, não contêm o potencial de transformar a sociedade em sua totalidade. Já a grande política é a dimensão em que há a possibilidade da construção de uma nova sociabilidade, mudando radicalmente e pela via da luta dos trabalhadores, a base da formação social.

Assim, quando Aliaga (2013) traz sobre a terrenalidade da política, a autora dimensiona sobre a importância de não abandonar a prioridade da grande política, tendo-a na ordem do dia. A pequena política não pode ser anulada pois o cotidiano é incompressível, porém, é tarefa da maior importância para a classe trabalhadora não perder de vista a construção da grande política, não mergulhando estritamente na pequena política, uma vez que não é nesta última que se alcança a emancipação humana. O horizonte desta classe não pode ser a redução da luta política à esfera de meras disputas parlamentares. Entretanto, constitui-se como grande política da burguesia submeter organizativamente e praticamente os trabalhadores nesta lógica – a pequena política seria, para a classe dominante, uma “grande política da conservação”:

Portanto, *é grande política tentar excluir a grande política do âmbito interno da vida estatal e reduzir tudo a pequena política [...].* Ao contrário, é coisa de diletantes pôr as questões de modo tal que cada elemento de pequena política deva necessariamente tornar-se questão de grande política, de reorganização radical do Estado. Os mesmos termos se apresentam na política internacional: 1) a grande política nas questões relacionadas com a estatura relativa de cada Estado nos confrontos recíprocos; 2) a pequena política nas questões diplomáticas que surgem no interior de um equilíbrio já constituído e que não tentam superar aquele equilíbrio para criar novas relações (GRAMSCI, 2017: 22-3, grifos meus).

Considerando estes breves apontamentos, parte-se para a análise de um exemplo, à luz do pensamento de Gramsci, de concretização do papel do intelectual na contemporaneidade: o projeto “Funkeiros Cults”.

Os “Funkeiros cults”, a politização da literatura e o intelectual orgânico

Criado em maio de 2020, em meio à pandemia da Covid-19, o projeto brasileiro “Funkeiros Cults” foi uma idealização de Dayrel Azevedo, jovem de 21 anos e residente de Manaus. Fazendo uso de memes, do sarcasmo e de imagens de alguns artistas famosos do funk, decidiu levar adiante a ideia do trabalho político unido ao humor: “Desejava mostrar mesmo pessoas reais do cotidiano da periferia. Foi quando resolvi postar uma foto minha lendo o livro ‘A Metamorfose’ e a página viralizou” (UOL, 2020)¹. A página no Instagram, neste período, cresceu, o projeto se expandiu para outras plataformas e, hoje, possui mais de 47000 seguidores no Facebook². Seguem algumas imagens já feitas:



¹ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/22/funkeiros-cults-faz-humor-com-memes-de-pensadores-e-gurias-da-quebrada.htm>.

² Consulta realizada no dia 19 de novembro de 2020.



Fonte: página do Facebook *Funkeiros Cults*

Na matéria, Dayrel coloca que, apesar de fazer uso do humor para divulgar o projeto, a crítica por trás desse parte de experiências de racismo vivenciadas por ele, assim como a dificuldade de uma maioria não compreender que funkeiros e moradores da periferia podem ser considerados símbolos e referências de cultura (UOL, 2020). Uma das figuras do meio do funk utilizadas em seu projeto, Thiago Soares (conhecido como “Chavoso da USP”), disse: “Ver pessoas com a minha aparência, com o meu estilo, falando sobre literatura e ciências humanas é muito importante. O meme é fácil de viralizar porque tem uma linguagem simples, uma mensagem curta e direta. É um ótimo jeito de divulgar esses livros e suas ideias centrais” (UOL, 2020).

Além da página no Facebook, foi criado um grupo dos “Funkeiros Cults” na mesma rede social, tendo a democratização da educação como um de seus norteadores. Vários são os relatos de moradores e estudantes jovens da periferia que conseguem fazer uso do grupo como uma forma de estudar e compreender obras consideradas complicadas e concebidas como “clássicas” (UOL, 2020). Apesar do tempo histórico distinto, vale demarcar que a preocupação com a atividade literária é ainda tão atual quanto no tempo de Gramsci, pois a cultura não emerge como algo natural, mas sim a partir de um conjunto de relações sociais determinadas pelo devir histórico.

Tomando as especificidades da formação sócio-histórica brasileira, país de capitalismo periférico, a marca da dependência não se explicita apenas na dimensão político-econômica, mas também na *dependência cultural aos grandes centros*. O Brasil construiu uma política cultural em torno de uma lógica imperialista, distanciando-se dos países latinoamericanos e moldando uma proximidade com as produções norte-americanas (BETHELL, 2009). Estes aspectos ideológicos fundamentam a vida dos sujeitos brasileiros – ideologia refere-se, aqui, no

sentido negativo, tal como em Marx e Engels (2007) – e a superestrutura impõe este modo de vida ao conjunto da sociedade.

Estes elementos dialogam com a resistência (pejorativamente) em relação ao funk como uma produção de cultura nacional e popular, no sentido de fazer parte da construção de um projeto de nação, portanto, da consolidação de uma identidade específica, além de evidenciar que a “intelectualidade” é associada a espaços de produção acadêmica, ainda elitistas – algo que pode ser relacionado à crítica de Wood (1999) aos pós-modernos, sobre como esses depositam nos acadêmicos uma centralidade; um papel de vanguarda – na ação histórica, demonstrando que a luta política é algo para pequenos grupos “que pensam cientificamente”, já que “os velhos políticos (o movimento trabalhista, em particular) foram ‘dobrados’ para sempre pelo consumismo capitalista” WOOD, 1999: 15). Gramsci (2001) representa uma oposição a esta militância exclusiva ao espaço acadêmico:

Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “para si” sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teórico-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica. Mas este processo de criação dos intelectuais é longo, difícil, cheio de contradições, de avanços e de recuos, de debandadas e de reagrupamentos e, neste processo, a “fidelidade” da massa (e a fidelidade e a disciplina são inicialmente a forma que assume a adesão da massa e a sua colaboração no desenvolvimento do fenômeno cultural como um todo) é submetida a duras provas. [...] mas todo progresso para uma nova “amplitude” e complexidade do estrato dos intelectuais está ligado a um movimento análogo das massas dos simples, que se eleva a níveis superiores de cultura e ampla simultaneamente o seu círculo de influência, com a passagem de indivíduos, ou mesmo de grupos mais ou menos importantes, para o estrato dos intelectuais especializados (GRAMSCI, 2001: 104-105).

A politização da literatura, como atividade e ferramenta da militância, no entanto, vem ocorrendo mesmo com a situação vivenciada de recrudescimento do conservadorismo nacionalmente (PINHEIRO-MACHADO, 2019) e internacionalmente, sendo que isso não é novo: ganhou visibilidade por conta das redes sociais – as experiências de educação popular e o próprio trabalho de Paulo Freire (1987 e 1996) são exemplos de iniciativas como essa. Isso significa que o “funkeiro cult” é uma figura com presença e relevância histórica: existe, resiste, e seu status de “cult”, na realidade – e na minha percepção –, é redundante, uma vez que, de acordo com o próprio Gramsci, “todos os homens são filósofos.” (GRAMSCI, 2001: 93).

A popularização dos intelectuais tem como premissa a necessidade de formar quadros políticos advindos das massas, que não desprezam a democracia e não colocam freios às mobilizações de cunho transformador. Associar política à uma elite, em Gramsci (2001), é

reducionismo da ciência política, além de desconsiderar essa como algo *intrínseco* à produção e reprodução da vida humana – a nomenclatura mais coerente, para o teórico, seria *intelectuais orgânicos*, em oposição aos intelectuais tradicionais: “‘Orgânicos’, ao contrário, são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade” (SEMERARO, 2006: 377). Além disso, não só estaria interligado às massas, mas vive e considera o seu tempo histórico, junto ao modo de produção em que se insere. Por isso, o intelectual orgânico tem este papel atuante em todos os espaços que ocupa, possuindo uma relação dialética com a construção do “nacional-popular”.

Semeraro (2006) traz em um dos seus trabalhos o desafio do intelectual orgânico em um momento histórico marcado pelo ideário pós-moderno, com o esvaziamento do trabalho de base ético-político e de projetos encabeçados por sujeitos coletivos. Aos intelectuais orgânicos – especialmente aos partidos políticos socialistas, que encabeçam um projeto de coletivo de transformação radical –, hoje, cabe se apropriar das novas ferramentas e plataformas trazidas com a revolução tecnológica, saber “manejar a arte da aparência”, porém, em serviço da organização dos subalternos, não se restringindo à pequena política, à burocracia, aos cargos e à esfera da luta sindical, *se atualizando para responder à atual crise política*, como aponta o autor:

Hoje, as novas ferramentas à disposição dos intelectuais não devem ser menosprezadas. Embora Gramsci esteja aberto ao novo, não o aceita acriticamente. Assim como o trabalhador deve se modernizar, tornando-se cientificamente especializado e tecnicamente habilidoso até as fronteiras mais avançadas do conhecimento e da produção, sem cair na mecanização e na escravidão do sistema, também o intelectual deve estar atualizado e desenvolver pesquisas inovadoras, sem se deixar “taylorizar” e comprar. Mas não é suficiente se defender do risco de revolução passiva inerente a toda modernização. O intelectual orgânico popular, para Gramsci, *deve alcançar as fronteiras mais avançadas do conhecimento e da tecnologia sem nunca perder a referência às lutas hegemônicas da sua classe*. Além disso, também para não estagnar em um marxismo dogmatizado, [citando Baratta] é necessário promover a sua “traducibilidade” [...]. *Os intelectuais orgânicos aos dominados, ao contrário, estão convencidos de que “a verdade é revolucionária”. Portanto, não abdicam a formar consciências críticas e a construir um “bloco histórico”* (uma articulação dialética) entre estrutura e superestrutura (economia e cultura), entre sociedade civil e sociedade política, de maneira a superar a relação vertical entre governantes e governados e a separação entre intelectuais e massa (SEMERARO, 2006: 384-5, grifos meus).

Frisar o papel de intelectual desempenhado por estes jovens, como no exemplo mencionado dos “Funkeiros Cults”, decorre da importância de demonstrar que existe cultura

construída pelas camadas populares, sendo que essa tem como objetivo apresentar a realidade deste setor para, enfim, mudá-lo. É uma cultura que não rebaixa intelectualmente a classe, compreendendo a determinação social destes sujeitos circunscrita ao capital. É tarefa nossa – da classe trabalhadora em seu conjunto – usar esta arte como ferramenta para aproximação; para comunicar e estabelecer vínculos com estes sujeitos, assim como devemos aliá-la a um projeto revolucionário.

Considerações Finais

Apesar de breve, este trabalho buscou demonstrar a continuidade da pertinência do marxismo para a reflexão e atuação na realidade social. Fazendo uso do pensamento de Gramsci e de alguns dos elementos mais importantes de sua obra – também explicitados de forma sucinta –, objetivou-se traçar uma relação entre arte, militância e a construção do projeto socialista. A partir da iniciativa dos “Funkeiros Cults”, projeto cultural brasileiro que tem disseminado obras da literatura com didática e humor, fazendo alusão ao meio do funk, percebeu-se paralelos com aspectos das elaborações de Gramsci, atualizados ao momento histórico, bem como a reiteração do papel intelectual desempenhado por todos os sujeitos, sem um caráter seletivo. Como disse Semeraro (2006: 388): “Em tempos pós-modernos, os intelectuais ‘orgânicos’ não se tornaram obsoletos, mas encontram-se diante de novas tarefas”.

Mesmo sendo um projeto novo, o “Funkeiros Cults” vem mobilizando uma quantidade enorme de usuários nas redes sociais, em sua maioria jovens, para debater arte e política em consonância com a concretude da vida nas periferias do país – circulando informações de suma importância para organização dos subalternos fora dos grandes conglomerados de comunicação –, contradizendo o estereótipo do jovem como um sujeito apolítico e acrítico (CASSAB, 2010).

Demonstra-se, assim, que a construção da “grande política”; a luta por uma sociabilidade que supere o capitalismo, é feita conjuntamente à “pequena política”, devendo ser constantemente lembrada e somada à *intransigência* com a ordem vigente (Gramsci *apud* SADER, 2012), tendo como estratégia o socialismo, que também permanecerá em constante modificação, como disse Gramsci em *O Relojoeiro* (1917): “Não seremos conservadores, nem mesmo sob o socialismo, mas queremos que o relógio da revolução não seja um fato mecânico, um estranhamento, e sim a audácia do pensamento que cria mitos sociais sempre mais elevados e luminosos” (GRAMSCI, 2020, s/p).

Referências Bibliográficas

- ALIAGA, L. A objetividade do conhecimento científico: notas gramscianas para a construção de uma concepção de ciência e de ciência política. In: *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina "Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro"*, 2013.
- BETHELL, L. O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica. *Revista Estudos Históricos*, v. 22, n. 44, p. 289-321, 2009.
- CASSAB, C. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Locus: Revista de História*, v. 17, n. 2, 2010.
- COUTINHO, C. N. O conceito de vontade coletiva em Gramsci. *Revista Katálysis*, v. 12, n. 1, p. 32-40, 2009.
- DANTAS, A. PRONKO, M. Estado e dominação burguesa: revisitando alguns conceitos. In: *Hegemonia burguesa na educação pública*, p. 73-96, 2018.
- FACEBOOK BRASIL. Funkeiros Cults. Disponível em: <https://www.facebook.com/Funkeiros-Cults-102300904839843>. Acesso em 19 nov. 2020.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOUVÊA, M. M. A culpa da crise não é do vírus. In: MOREIRA, E. et al (orgs.). *Em tempos de pandemia: propostas para defesa da vida e de direitos sociais*. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, p. 19-28, 2020.
- GRAMSCI, A. *O relojoeiro*. Publicado em 18 ago. 1917. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1917/08/18.htm>. Acesso em 20 nov. 2020.
- _____. *Cadernos do cárcere*, volume 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce / Antonio Gramsci; tradução de Carlos Nelson Coutinho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, v. 6.
- _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 93-114, 2001, v. 1.
- MARX, K. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)* / Karl Marx, Friedrich Engels; supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano – São Paulo: Boitempo, 2007. p. 25-117.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria de transição*. São Paulo/Campinas: Boitempo/Editora da Unicamp, 2002.
- MUSSI, D. Política e Literatura nos Cadernos do Cárcere: notícias de uma pesquisa. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, v. 1, n. 1, 2010.
- PINHEIRO-MACHADO, R. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- SADER, E (org.). *Gramsci: Poder, Política e Partido*. 2a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012;
- SEMERARO, G. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 26, n. 70, p. 373-391, 2006.
- VICENZO, G. Funkeiros cults faz humor com memes de pensadores e gírias da quebrada. UOL. Publicado em 22 jun 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/22/funkeiros-cults-faz-humor-com-memes-de-pensadores-e-girias-da-quebrada.htm>. Acesso em 19 de nov. 2020.
- WOOD, E. M. O que é a agenda “pós-moderna”? In: WOOD, E. M.,; FOSTER, J. B. *Em defesa da História*. Zahar, 1999.